

A LEITURA GEO-IMAGÉTICA COMO MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O RACIOCÍNIO E A COMPREENSÃO DE PROCESSOS DE PENSAMENTO

GEO-IMAGETIC READING AS A METHOD OF GEOGRAPHICAL INTERPRETATION AND ITS CONTRIBUTION TO REASONING AND UNDERSTANDING THOUGHT PROCESSES
LA LECTURA DE IMÁGENES GEOGRÁFICAS COMO MÉTODO DE INTERPRETACIÓN GEOGRÁFICA Y SU CONTRIBUCIÓN AL RAZONAMIENTO Y LA COMPRENSIÓN DE LOS PROCESOS DE PENSAMIENTO

<https://doi.org/10.26895/geosaberes.v15i0.1276>

CARINA COPATTI^{1*}

¹ Professora do Departamento de Educação, Política e Sociedade (DEPS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Graduada em Geografia e Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Pedagoga pelo Centro Universitário Internacional. Realizou estágio Pós-doutoral na linha de Políticas Educacionais pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS-Campus Chapecó). Vitória-ES, Brasil, Tel.: (+55 27) 99867-8300, carina.copatti@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-0485-388X>.

*Autora Correspondente

Histórico do Artigo:
Recebido em 10 de Novembro de 2023.
Aceito em 06 de Março de 2024.
Publicado em 10 de Abril de 2024.

RESUMO

A leitura e a interpretação de imagens fazem parte de distintas propostas inseridas nos mais diversos componentes curriculares. Considerando a importância das imagens na construção do conhecimento e, diante disso, a necessidade de rigorosidade metodológica no sentido de construir aportes às pesquisas em âmbito geográfico, o presente artigo tem por objetivo abordar o método de leitura Geo-Imagético (COPATTI, 2019) e debater sua importância tanto na construção do pensamento geográfico do professor quanto no desenvolvimento do raciocínio geográfico em sala de aula. Este artigo constitui-se de um recorte da pesquisa de doutorado, concluída em 2019, a qual, em uma das etapas, utilizou-se desse método para compreender aspectos voltados à análise de respostas obtidas a partir da pesquisa com um grupo de professores de geografia.

Palavras chave: Método de interpretação geográfico. Leitura de imagens. Pensamento de professor.

ABSTRACT

The reading and interpretation of images are part of different proposals inserted in the most diverse curriculum components. Considering the importance of images in the construction of knowledge and, given that, the need for methodological rigor in order to build contributions to research in a geographical scope, this article aims to address the Geo-Imagetic reading method (COPATTI, 2019) and to debate its importance both in the construction of the teacher's geographic thinking and in the development of geographic reasoning in the classroom. This article is an excerpt from the doctoral research, completed in 2019, which was used in one of the steps, the use of this method to understand aspects related to the analysis of responses obtained from the research with a group of geography teachers.

Keywords: Method of geographic interpretation. Reading of images. Teacher thinking.

RESUMEN

La lectura e interpretación de imágenes forman parte de diferentes propuestas insertas en los más diversos componentes curriculares. Considerando la importancia de las imágenes en la construcción del conocimiento y, por ende, la necesidad de rigor metodológico para construir aportes a la investigación en el ámbito geográfico, este artículo tiene como objetivo abordar el método de lectura Geo-Imagética (COPATTI, 2019) y discutir su importancia tanto en la construcción del pensamiento geográfico del docente como en el desarrollo del razonamiento geográfico en la clase. Este artículo consiste en

un extracto de la investigación doctoral, finalizada en 2019, que, en una de las etapas, utilizó este método para comprender aspectos orientados al análisis de las respuestas obtenidas de la investigación con un grupo de profesores de geografía.

Palabras clave: Método de interpretación geográfica. Lectura de imágenes. Pensamiento del maestro.

INTRODUÇÃO

A leitura de imagens e sua interpretação constituem-se como propostas inseridas em diferentes componentes curriculares. As imagens também fazem parte do cotidiano das escolas desde a educação infantil ao ensino médio, e constituem, na área de estudos do componente curricular de geografia, um importante elemento na construção do conhecimento na medida em que tornam possível construir conhecimentos por meio da análise e relação com os aportes da ciência geográfica, como conceitos, categorias de análise e princípios geográficos.

Considerando a importância das imagens na construção do conhecimento e, diante disso, a necessidade de rigorosidade metodológica no sentido de construir aportes às pesquisas em âmbito geográfico, o presente artigo tem por objetivo abordar o Método de Leitura Geo-Imagética (COPATTI, 2019) e debater sua importância tanto na construção do pensamento geográfico do professor quanto ao desenvolvimento do raciocínio geográfico em sala de aula. Nesse sentido, apresenta-se a proposta com base na leitura de imagens de obras de arte que constituem dois conjuntos distintos.

O método de interpretação foi construído no contexto da produção da tese de doutorado (COPATTI, 2019) e baseia-se em quatro etapas, as quais convergem a um processo interpretativo que contribui, no contexto escolar, para desenvolver/ampliar o raciocínio geográfico e, ainda, para compreender o pensamento geográfico do professor, na medida em que, considerando as perguntas feitas, pode-se tecer análises sobre as imagens diretamente ou, ainda, sobre a interpretação que cada professor (ou estudante/professor em formação) realiza daquela imagem, à luz da geografia.

O artigo apresenta, em um primeiro momento, uma reflexão a respeito da necessidade de se construir processos de análise de imagens que possibilitem construir conhecimento geográfico. Em um segundo momento, apresenta-se a Leitura Geo-imagética como possibilidade e, por fim, essa proposta como método de compreensão do pensamento do professor e, ainda, de desenvolvimento da educação geográfica, contribuindo ao avanço de raciocínios geográficos.

A LEITURA DE IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS

A leitura de imagens tem sido utilizada em distintas atividades e propostas pedagógicas em diferentes áreas do conhecimento. Imagens também são utilizadas no processo formativo de professores por constituírem-se como possibilidade de ir além da leitura e da escrita.

A expressão leitura de imagens começou a circular na área de comunicação e artes no final da década de 1970, com a explosão dos sistemas audiovisuais. Essa tendência foi influenciada pelo formalismo, fundamentado na teoria da Gestalt, e pela semiótica. Na psicologia da forma, a imagem constituía percepção, já que toda experiência estética, seja de produção ou recepção, supõe um processo perceptivo. A percepção é entendida aqui como uma elaboração ativa, uma complexa experiência que transforma a informação recebida (SARDELICH, 2006, p. 453).

Utilizar a linguagem imagética traz à tona a possibilidade de compreender elementos que emergem no pensamento explicitado a partir da argumentação. As imagens, em sua diversidade, possibilitam a interpretação de variados elementos que contribuem à construção de conhecimentos. No que tange à geografia, contribuem para a compreensão de elementos

socioespaciais em distintas escalas, principalmente na aprendizagem a respeito de situações ou fenômenos que ocorrem em espaços ausentes daqueles vividos pelos estudantes/professores, com os quais não tiveram contato presencialmente.

Segundo Santaella (1999), o universo das imagens pode ser dividido em dois domínios, um que corresponde às imagens compreendidas como representações visuais, os objetos materiais como pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, dentre outros. O segundo trata do domínio imaterial, que corresponde às representações mentais, em que as imagens constituem visões, fantasias, modelos. Estes domínios não aparecem de forma separada, são interligados, tendo como conceitos unificadores o signo e a representação.

Toutain (2007), considera que, no mundo cognitivo, a representação é um processo em que estão imbricados os mecanismos visuais e mentais, sendo, portanto, uma capacidade de captar, interpretar e representar uma informação. Já a semiótica, trata da representação que caracteriza uma função *sígnica*, já que em seu âmbito conceitual se estenda até a relação de objeto ou até a função referencial *sígnica*. A semiótica, segundo Charles Peirce, é a teoria geral das representações, usando ora o termo signo ora representação, numa primeira fase.

A semiótica é entendida, em termos gerais, como a ciência que estuda os signos, os quais são sinais que representam algo, podendo ser objetos perceptíveis ou apenas imagináveis. Em outras palavras, segundo Peirce (1938-51) signo é tudo aquilo que representa algo para alguém. [...] A semiótica peirceana tem sido amplamente explorada para investigar processos comunicativos, embora não tenha sido sistematizada para modelos comunicacionais específicos (SILVEIRA, 2005, p. 116).

Silveira (2005, p. 115), salienta que “assim como na linguagem verbal a língua é o objeto de estudo, na semiótica é o signo que se encarrega de definir toda e qualquer significação, formando o alicerce da análise da linguagem não-verbal”.

As representações visuais através de imagens, que constituem um modo de linguagem não-verbal, nos interessam nesta pesquisa, isso porque:

Entre as vantagens de um texto constituído por imagens, de acordo com alguns teóricos, destaca-se o fato de ele ser universal, pois vence a barreira da linguagem, podendo, através de um entendimento imediato, ser compreendido por pessoas de língua e cultura diversas. Outra vantagem, comumente apontada, é a de que a imagem permite uma leitura em menos tempo do que o requerido pelo texto escrito, tornando-a atraente aos potenciais leitores. Joly (1996) apresenta, ainda, como fator positivo, o aumento do prazer estético e comunicativo na análise de obras constituídas por imagem, ressaltando que a desconstrução desta permite aguçar o sentido da observação e do olhar, aumentando as informações na recepção espontânea das obras (SILVEIRA, 2005, p. 113).

A proposta deste artigo, por meio da Leitura Geo-imagética, propõe a leitura de imagens (neste caso de obras de arte) como forma de interpretar de modo livre, mas seguindo algumas orientações. Sendo assim, a leitura de imagens se faz por um processo que envolve descrição, análise comparada e individual de duas obras de arte, que trazem elementos importantes para a análise pretendida. Nosso interesse é utilizar essas imagens no intuito de compreender processos de pensamento e de raciocínio geográfico. Também, no intuito de fornecer subsídios para abordar aspectos que, por meio da arte, podem colaborar para a uma compreensão embasada na ciência geográfica, considerando o pensamento geográfico constituído pelos professores de geografia.

O foco não está na leitura de signos que compõem as obras de arte, mas compreender, pela interpretação possível, que conhecimentos são mobilizados pelo professor na interpretação da imagem que permitem analisar o pensamento geográfico que traz implícito e o conhecimento que emerge do raciocínio construído pelo professor de geografia. Assim, compreende-se que a leitura e a interpretação de imagens tendem a contribuir por meio de procedimentos que tornem possível a pesquisa e a produção de dados com rigor científico.

Ao contrário de um texto, a leitura de imagens propicia uma infinidade de interpretações possíveis pelas relações sugeridas pelos seus elementos. A leitura de uma imagem, segundo Pillar (1993, p. 1) exige “compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la para aprendê-la como objeto a reconhecer”. Para essa tarefa, há diferentes tipos de análise, que podem ser realizadas também em complementaridade: análise gestáltica, análise semiológica, análise iconográfica ou análise estética.

Conforme explica Cavalheiro (2006), a leitura gestáltica considera elementos da linguagem visual como: linha, plano, relevo, textura, volume, cor, luz, dimensão, escala, proporção, etc. Os elementos são considerados em separado e no todo da forma quanto a equilíbrio, movimento, ritmo, repetição. Pode-se observar, também, o modo como os elementos estruturam o espaço e as formas e o que expressa visualmente. A leitura semiótica, enfoca os sistemas de símbolos e de signos construídos pelo sujeito como um texto visual em remissão a outros textos visuais, uma imagem em relação a diferentes autores e épocas. Esta relação intertextual é um modo de criar, de inventar, de construir imagens que citam outras imagens. Já a Leitura iconográfica procura estudar o conteúdo temático, o significado das obras de arte como distinto de sua forma. O tratamento dado aos temas pode ser apreciado em diversos artistas e épocas e constitui a representação de algo. Por fim, a Leitura estética considera a expressividade, o que há de “eterno” e de transitório, de circunstancial, de uma época no objeto a ser analisado. Através da cor, luz, formas, destaca-se a disposição destas formas no espaço e no modo como os elementos se relacionam. A leitura estética procura saborear a imagem de modo cognitivo e sensível.

Conforme Pillar (1993), essa diversidade de leituras não é excludente, podendo-se realizar a leitura de uma imagem pela interpenetração dessas análises, o que possibilita enriquecer a interpretação. Sendo assim, considerando o foco da pesquisa empírica, a partir da participação de professores de geografia, com a intenção de compreender o seu pensamento utilizando o Método de Leitura Geo-Imagética (2019), pretende-se, obter os elementos necessários à compreensão de aspectos que envolvem raciocínios e elementos do pensamento geográfico, utilizando principalmente a análise estética.

Essa proposta envolve a leitura e a interpretação do conjunto de elementos que compõem a obra, considerando a compreensão subjetiva que emerge da leitura realizada por cada um dos sujeitos participantes. Para tanto, utilizamo-nos como base o método comparativo, proposto por Edmundo Burke Feldman, em 1970, um dos primeiros autores a propor um método de leitura de imagens na escola.

Este autor propôs um método voltado à educação escolar e composto por quatro estágios. Estes estágios, conforme Barbosa (1991) são distintos entre si, não necessariamente ordenados, mas interligados. Considera, em sua proposta, a leitura comparada de duas ou mais imagens visando aprendizagens mais enriquecedoras.

Segundo Barbosa (1991), são quatro os estágios para a leitura da imagem propostos pelo autor: descrição, análise, interpretação e julgamento. Estes estágios são distintos, porém interligados entre si, não ocorrendo necessariamente uma ordem entre eles. Conforme Cavalheiro (2006), as etapas não são evolutivas, mas indicam níveis de entendimento que se vão tornando mais complexos. Explica ainda que Feldman sempre propõe a leitura de duas ou mais imagens para que o aluno tire conclusões da leitura comparada das várias obras. Isso pode auxiliar na compreensão de semelhanças e diferenças, tornando as aprendizagens mais enriquecedoras.

Cavalheiro (2006), explica que a Descrição é o estágio em que se sugere fazer uma lista detalhada de objetos e formas contidas na obra. A Análise consiste na observação do procedimento daquilo que vemos na obra de arte. “Estuda-se a relação de tamanho, localização das formas no espaço, a relação cor e textura, enfim os elementos estéticos da obra [...] Nesta

etapa o estudante deverá perceber os detalhes da composição da imagem, sem ter dúvidas em relação ao que se está sendo analisado” (CAVALHEIRO, 2006, p. 33).

Figura 1 – Síntese do Método de leitura de imagens de Edmund Feldman

Estágios	Descrição
Descrever	Identificar o que se vê na obra visual, apenas o que está evidente.
Analisar	Identificar na obra elementos da composição visual, estabelecendo relações entre os elementos.
Interpretar	Dar sentido ao que observou na obra, procurando identificar quais os sentidos, ideias, sentimentos e expressões intencionadas pelo autor.
Julgar	Emitir juízo de valor sobre a obra, se ela é importante ou não, se tem qualidade estética.

Fonte: Araujo; Oliveira (2013).

A etapa seguinte é a Interpretação, a qual:

[...] É o estágio em que, baseados nos elementos descritivos e analisados da obra, o observador vai dar significado ao trabalho de arte. Segundo Pillar (2001, p. 87), “Há várias camadas de sentidos e estes nunca são evidentes, eles se constituem na relação do leitor com a sua cultura, com a sua história. Para compreender uma imagem, temos uma necessidade vital de dar-lhe sentido”. Nessa etapa, todo o conhecimento acerca da imagem, da arte, dos estilos, linguagens, torna-se necessário e importante fazendo com que a interpretação torne-se mais substancial. Cada pessoa interpreta de um modo diferente, de uma época para outra, de uma cultura para outra. Interpretar é atribuir significado, é ter suas perguntas respondidas, é imaginar, intuir. Ela carrega experiências pessoais, sociais, históricas, e vivências de quem observam (CAVALHEIRO, 2006, p. 33-34).

A interpretação possibilita dar sentido ao que se observou, tentando identificar sensações e sentimentos experimentados, estabelecendo relações entre a imagem e a realidade. Essa interpretação pode coincidir com o que o artista pretendeu ao construí-la ou pode ser totalmente diferente, o que demonstra a subjetividade da leitura. Nesse procedimento, é possível o diálogo com a obra a partir do conhecimento do leitor. Considera-se que essa etapa pode ser essencial no entendimento do que a imagem traz de conhecimentos que podem ser mobilizados no professor participante.

A outra etapa consiste no Julgamento, que é o valor estético da obra. De acordo com Cavalheiro (2006), é o momento de explicitar se o trabalho em estudo é “bom” ou “ruim”. Assim, para ocorrer o julgamento, é preciso antes passar pelas outras etapas, conhecendo a imagem, adquirindo conhecimentos para que possa emitir um juízo sobre ela.

Utilizando-nos do método comparativo de Feldman (1970), mencionado anteriormente, foi proposto o método de leitura e interpretação das imagens denominado de Leitura Geo-imagética, afim de atender a área de geografia, considerando suas especificidades no que tange à leitura e interpretação do espaço geográfico a partir das relações entre sociedade e natureza. Tal proposta é apresentada a seguir.

O MÉTODO DE LEITURA GEO-IMAGÉTICA

O Método de Leitura Geo-imagética foi organizado em quatro etapas e parte da utilização de imagens, sendo elas: desenhos, fotografias, obras de arte, dentre outras, ainda, levando em conta a utilização de duas ou mais imagens a comporem o processo. Neste caso, foram utilizadas obras de arte que formam dois conjuntos de imagens. Estes conjuntos foram interpretados com base em perguntas-chave para entender como o professor interage com a imagem observada, e que elementos o fazem pensar a/na geografia e expressar a sua subjetividade, possibilitando-nos compreender o pensamento geográfico que emerge.

Foram selecionadas três obras de arte, no entanto, ressalta-se que uma das obras é composta por duas imagens, por isso é considerada uma obra de arte única, que pode servir à análise pretendida. As outras duas imagens compõem o segundo conjunto de imagens. Estes conjuntos foram impressos em folha A4 para a atividade pretendida, a qual abarcou a participação de dez professores que atuavam, em 2018, no ensino de geografia em escolas de ensino fundamental situadas em municípios localizados no norte do estado do Rio Grande do Sul. Outras informações são abordadas no tópico a seguir.

A seleção das obras de arte utilizadas para a construção desta proposta centrou-se na busca em sites de artistas que trabalham com arte abstrata, esta que dispõe de inúmeras possibilidades de interpretação, o que parece mais coerente com o objetivo de, pela leitura do professor, projetá-lo a algo já internalizado nos/pelos participantes, que é o conhecimento da ciência geográfica. Sendo assim, nesta pesquisa utiliza-se a análise estética a fim de obter os elementos necessários à produção dos dados por meio das entrevistas.

Levando em conta a necessidade de uma leitura de imagens voltada às singularidades da geografia, procurou-se ir além da análise artística e estética proposta por Feldman (1970), criando um método de análise e interpretação denominado Método de Leitura Geo-Imagética.

A leitura Geo-Imagética leva em consideração a leitura de imagens não somente descrevendo, comparando e analisando imagens a partir da arte, mas utilizando-as como suporte para pensar a Geografia e sob um olhar geográfico. [...] contempla etapas que se diferenciam daquelas propostas originalmente, e apresentam uma finalidade específica, levando em consideração o conhecimento geográfico já construído pelo sujeito e modos de utilização da imagem na Geografia (COPATTI, 2019, p. 31).

O método construído para a leitura geográfica de imagens, sejam elas obras de arte, fotografias, desenhos, dentre outros, consiste em três etapas: 1. Descrição e Análise; 2. Comparação e Interpretação Contextual, considerando: a) conhecimento geográfico, b) aspectos culturais e subjetivos – a dimensão estética que aflora em cada sujeito; 3. Utilização e Ressignificação Geográfica.

1. Descrição e Análise: consistem no primeiro movimento, que envolve a leitura objetiva da imagem, identificando elementos e analisando brevemente sua estrutura. Considera a leitura de símbolos e a disposição de objetos e de informações observáveis de modo direto, anotadas pelo participante ou descritas oralmente. Pode se referir às cores, disposição dos objetos, densidade, tamanho, organização, características, dentre outros.

2. Comparação e Interpretação Contextual: constituem o segundo movimento, realizado por meio de dois procedimentos: a) análise da imagem de modo individual, o que e que mensagem pode ser capturada em seus elementos; b) comparação de duas ou mais imagens (sejam elas fotografias, desenhos, pinturas, etc.) com o intuito de verificar que elementos se complementam, que relações se estabelecem entre elas e que diferenças apresentam, tornando possível novas leituras e o emergir de elementos não considerados na etapa de descrição. Essa interpretação abarca a subjetividade do sujeito a partir da dimensão histórico-cultural e do olhar geográfico já construído.

A dimensão estética emerge pelo olhar atento ao que está subentendido, tecendo relações com o contexto e com a geografia, seja por um processo induzido (quando o pesquisador induz a observar a imagem a partir de determinado tema/aspecto da geografia) ou de modo livre (quando o participante estabelece livremente o percurso de observação, emergindo uma análise subjetiva).

De maneira geral, pode-se afirmar que, nessa etapa, o participante precisa relacionar a imagem, pela leitura subjetiva e apreciação estética, com o conhecimento que possui. No caso da pesquisa com estudantes (sejam eles da educação básica ou da educação superior) ou outros sujeitos, a leitura da imagem pode servir para compreender aquilo que já conhece sobre determinados conteúdos/conhecimentos geográficos ou, ainda, para estimular o raciocínio geográfico e contribuir para o desenvolvimento de análises geográficas.

Quando é utilizada na formação de professores de geografia ou com professores já formados, envolve o olhar geográfico que emerge de cada profissional, que tem como pretensão tornar evidente a interpretação geográfica que realiza. Contribui para compreender os conhecimentos já construídos ou, ainda, para desenvolver outros olhares interpretativos e aprofundá-los. Essa etapa pretende ter o pensamento constituído e demonstrado pelo participante como objeto de análise do pesquisador, podendo-se analisar por este processo, a leitura e interpretação realizada pelo profissional participante da pesquisa.

3. Utilização e Ressignificação Geográfica: compreende possíveis usos que o participante poderia fazer das imagens em diferentes situações no seu trabalho cotidiano. A questão centra-se no modo como utilizaria a imagem (ou conjunto de imagens) na proposição de processos educativos que envolvam essa proposta. Assim, produzem uma resignificação geográfica, uma vez que, ao estimular o pensamento do professor (ou professor em formação) para construir uma proposta de uso das imagens relacionada à geografia (temas, conceitos, categorias), contribui para que seja possível interpretar modos de utilização, abordagens realizadas, perspectivas geográficas envolvidas, a dimensão didático-pedagógica que emerge nesse processo.

Essa etapa considera: a imagem, o contexto de inserção/atuação e o conhecimento geográfico, e é direcionada especificamente a pesquisas e propostas a serem desenvolvidas com professores ou estudantes em formação em geografia (licenciatura e/ou bacharelado), como estratégia para identificar, pelas ideias e propostas de cada participante, que relações se estabelecem entre os elementos objetivos e subjetivos da imagem e o conhecimento geográfico já construído, e que relações se instituem com a leitura do mundo proposta nessa ciência.

Interessa identificar, por meio da Leitura Geo-Imagética, as interpretações que emergem do professor, do pensamento e das relações que estabelece pela leitura de imagens sob o aporte do conhecimento geográfico. Para tanto, se faz necessário considerar a estrutura que alicerça o pensamento geográfico do professor relacionada a diferentes elementos que tendem a surgir de suas reflexões. Nesse processo, podem existir distintas concepções e conhecimentos, a depender da formação, do contexto de atuação, dos saberes já construídos referentes à geografia (geografia acadêmica e escolar) ou ainda de conhecimentos de mundo (a partir de leituras diversas que contribuem para ampliar conhecimentos).

A LEITURA GEO-IMAGÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE RACIOCÍNIOS GEOGRÁFICOS E NA IDENTIFICAÇÃO DE MODOS DE PENSAMENTO DE PROFESSOR

Ir além da estrutura da linguagem identificada em perguntas diretas feitas a participantes de pesquisas, sejam eles alunos ou professores, traz à tona a possibilidade de compreender elementos que emergem no pensamento explicitado a partir da leitura de imagens, da interpretação e da argumentação sobre os elementos analisados.

As obras de arte possibilitam uma interpretação que se estabelece considerando não apenas os elementos que o artista pretende trazer à tona, mas a subjetividade humana e o pensamento do sujeito inserido no mundo, numa historicidade que envolve a tradição e os processos formativos relacionadas à sua formação profissional. Ela conduz a uma atividade interpretativa em que diversos elementos emergem e tornam-se significativos e singulares em cada leitura. Nesse sentido, foi possível deixar os participantes livres para expor sua forma de relacionar o conhecimento de geografia com o contexto da imagem.

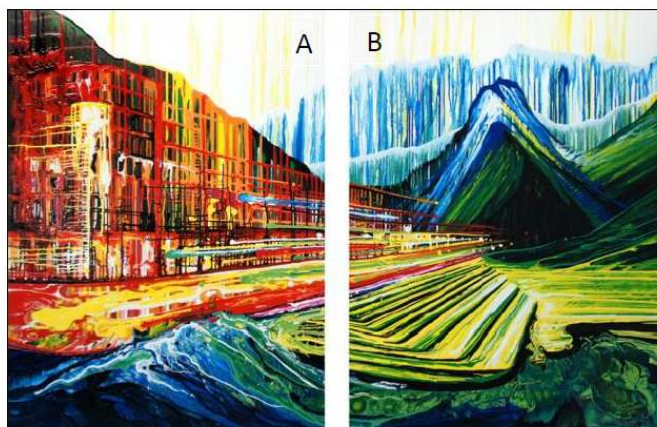
A linguagem permite que os participantes acessem determinados aspectos do pensamento construído, embora não seja possível acessá-lo em sua totalidade, de modo abrangente. Ocorre um processo de compreensão destes aspectos pelo pesquisador, que transcreve e organiza as informações no texto. Neste caso, mesmo sintetizando as informações e categorizando-as, posteriormente, procura-se manter os termos e expressões utilizados pelos entrevistados.

Conforme já explicitado, foram definidos três momentos na Leitura Geo-Imagética, as quais perpassam o método interpretativo e podem constituir parte de uma metodologia a ser amplamente utilizada no contexto da educação geográfica.

Isto posto, foram disponibilizadas a obra de arte que compõe as duas imagens do conjunto 1, e mais duas imagens que constituem o conjunto 2. Participaram da Leitura Geo-Imagética um grupo de dez professores de geografia que atuam no ensino fundamental, anos finais, em escolas localizadas em municípios situados no norte do estado do Rio Grande do Sul, sendo eles entrevistados em três movimentos distintos, o primeiro deles, considerando aspectos da formação e escolha da profissão; o segundo voltado à análise dos dois grupos de imagens, no intuito de compreender aspectos que envolvem raciocínio e pensamento geográfico; e, por fim, perguntas que contribuíram para a interpretação de elementos específicos da ciência geográfica.

Interessa-nos neste artigo, analisar elementos especificamente relacionados às imagens, por isso o recorte nestes dados produzidos com a participação de dez professores que atuavam em 2018 em escolas de anos finais do Rio Grande do Sul, indicados por três universidades (públicas e comunitárias), para a participação na pesquisa. As respostas foram obtidas por meio de entrevistas, as quais contaram com o suporte de gravação em áudio e posterior transcrição e análise. Os professores participantes foram identificados como: P-1, P-2, P-3, P-4, P-5, P-6, P-7, P-8, P-9, P-10.

Figura 2 – Leitura Geo-Imagética a partir do conjunto 1



Fonte: obra de Amy Shackleton.

Figura 3 – Leitura Geo-Imagética a partir do conjunto 2



Fonte: obra de Parviz Payghamy.

AS INTERPRETAÇÕES DOS PROFESSORES A PARTIR DA LEITURA GEO-IMAGÉTICA

As interpretações dos professores participantes contribuem para uma análise a respeito de distintos modos de interpretar e trazer à tona elementos relacionados à ciência geográfico, mas marcam, em grande medida, aspectos comuns e essenciais ao desenvolver processos de raciocínio geográfico.

Quadro 1 – Síntese da Leitura Geo-Imagética do primeiro conjunto de imagens

Prof.	Descrição e análise:	Comparação e interpretação:	Utilização e Resignificação na geografia escolar:
P-1	A: campo (meio natural/vegetação), transformação desse meio, construção de habitações na área natural. B: área agrícola, rocha exposta, processo erosivo, desgaste do solo, há construção civil próxima ao rio, que parece estar secando. Área natural e reflorestada.	A relação é a constante interação homem – natureza. Desde o surgimento do homem, há essa constante relação, seja ela positiva ou negativa. Há uma área que sofreu transformações impactantes, mudanças de algum processo: urbanização, desmatamento.	Usaria no conteúdo de urbanização e sobre transformação das paisagens.
P-2	A: elementos da natureza. Paisagens rurais. Mas há transformação da natureza. Tem um tipo de relevo e uma floresta densa. B: pastagem. Há também rio, lago. Desmatamento, tem cor de terra. Área iniciando transformação. Árvores, mata ciliar, rio, áreas rurais. Envolve paisagem artificial e a paisagem natural. Essa paisagem artificial não é tão impactante como uma grande cidade, mas há modificação	Há uma evidente transformação das paisagens. Mas não uma completa modificação da natureza. São paisagens diferentes. A primeira tem pouca interferência do homem e a segunda tem interferência maior porque há um povoado um pouco maior, mas com elementos naturais também. São paisagens, dentro do conceito geográfico, daquilo que a vista abarca, daquilo que a vista está alcançando. Por ser uma	Conteúdo de epistemologia, sobre o que é geografia, para que serve, suas categorias. As principais são paisagem, território, lugar. Ainda: Conceito de região, estado, nação, redes, fronteiras. Dá para trabalhar durante todo o ano letivo. A paisagem é importante. Paisagem e lugar são fáceis de confundir, porque a paisagem pode estar ligada a questão simbólica, memória. Se modificam, podem estar numa figura e representar sentimento.

	com campos rurais, área agrícola modificada pelo ser humano.	gravura simbólica está ligada com a questão da memória.	Mas o lugar também não está? Então as categorias elas podem em um certo ponto se confundir.
P-3	A: cidade, o dia-a-dia, ao fundo montanha, pessoas, o agito da cidade. Envolve geografia urbana e humana. Mar junto com a cidade. B: a parte da geografia física, montanhas, planícies com culturas, cultivo. A ocupação desse espaço por meio da atividade agrícola.	Paisagem onde ocorreu modificação no espaço natural para esse espaço geográfico. A ação humana modificou uma menos, a outra mais. Ocupação dos espaços, as construções vão chegando nessas áreas ambientais de preservação, nesse caso as cidades cada vez mais próximas ao mar.	No início do ano retrospectiva e sondagem. Sobre espaço natural e espaço modificado, o espaço geográfico. Várias interpretações, projeção de imagens naturais e geográficas. Fazer comparações para descrever e falar sobre isso. Colocar o óculos geográfico para que olhem tudo, vejam tudo.
P-4	A: ambiente urbano, prédios, dinâmica das ruas, fluxo intenso da cidade, ideia de movimento, dinâmica, ambiente vivo, populações se movimentarem. B: parece ambiente rural, relevos, cultivos, tem os terraços. Embora tenha alguns elementos urbanos.	Interação humana nesse espaço. Um mais natural, outro modificado. É a forma mais pura de geografia- a interação dos seres humanos com o meio. Fazem parte da interação entre o ambiente e a sociedade. Elas se completam, embora possa distinguir que tem um ambiente mais urbano e outro mais rural.	Trabalharia a transformação do espaço. Conceito de espaço geográfico, de lugar, de espaço natural e artificial. Plantação agrícola, organização industrial, organização das sociedades a partir do uso. Saída da população do campo para a cidade, associando que há ocupação muito menor do que a outra área mais urbanizada.
P-5	A: prédios, construções. B: formas de relevo: morros e montanhas. Acidentes geográficos ao fundo. Parece ter uma onda, mar.	Parecem duas imagens, mas há uma sequência, um complemento. Alterações que fazemos na natureza, no meio ambiente, e imaginar como seria essa paisagem sem as construções, como que ocorrem modificações e como podem impactar esse espaço.	Trabalharia sobre paisagem, a interação do ser humano com a natureza, o que a geografia trabalha. A forma de impactar o meio ambiente, transformar de acordo com nossos objetivos como ser humano. Abre um leque... tipo de edificação, fazer uma leitura da questão urbana.
P-6	A: espaço urbano, e formas de relevo contrastando com a paisagem. B: paisagem mais preservada, formas de relevo, vegetação, dando continuidade do espaço urbano.	Talvez este cenário lembre o espaço geográfico, a sua transformação. O conceito de paisagem com várias interpretações dos elementos.	Trabalharia a categoria paisagem e dentro da categoria espaço geográfico, seria as duas categorias. E a relação entre o ser humano e a natureza.
P-7	A: faz parte de uma mesma. É mais moderna, mais contemporâneo. Área urbana com prédios. B: encontro entre área urbana e rural. Não é bem rural, é mais preservada, tem terraços de plantio e a montanha.	Tem relação entre si. Lembra Milton Santos, a ideia de que existem diferentes tempos numa mesma paisagem. Tempo mais rápido e mais lento. Provocação sobre o urbanizado junto com o outro, que não é bem o rural. É uma área mais natural.	Trabalhar os diferentes tempos na paisagem. O conteúdo de paisagem. Não tem trabalhado muito ele, pois na ementa dos cursos não aparece paisagem como conteúdo separado, mas pode trabalhar o conceito de paisagem em várias aulas.
P-8	A: prédios, uma cidade, rua asfaltada, avenida. B: solo, o verde pode estar relacionado à vegetação. O azul pode ser chuva. Tem montanha ou túnel. Uma cachoeira. Tem continuidade de uma para outra.	A cidade representa o espaço urbano e a modificação dela por meio da ação humana. Tem um túnel, ação antrópica do ser humano que modificou a natureza, transformou os aspectos naturais, a paisagem. A transformação da paisagem pela interferência da ação do homem.	Sobre espaço urbano, a ação antrópica na modificação da paisagem. Como que o ser humano transforma a paisagem. A constituição da paisagem, conceito de paisagem e a transformação da paisagem ao longo do tempo. Nos conteúdos em todos os anos.

P-9	A: traz ruptura entre sociedade-natureza. O vermelho parece cidade, mais cosmopolita. Cidade grande, letreiros, por baixo parece montanhas, um substrato mais natural dando sustentação. B: Tem uma parte mais verde, mais amarelo, montanha.	Algo de humanidade construído, uma sociedade quase pós-moderna e a outra tem uma natureza, tem linhas retas. É uma pintura que talvez traga uma natureza mais modificada. Não tem pessoas, lembra velocidade.	Trabalharia natureza, a velocidade da transformação da natureza, a natureza “natural” cada vez mais reduzida. E natureza bastante tecnificada. A questão da vida urbana, essa vida de rapidez, de velocidade, consumo exagerado, onde as pessoas são fundamentais, mas elas não participam, construção de valores da vida urbana.
P-10	A: centro urbano, o choque com algo mais rural. Céu azul, respeita o que é vegetação que continua sendo verde. A primeira eu posso ver essas questões de verde. Tem uma imagem mais escura, parece uma praia ou uma falésia. B: Tem terraço. Tem um trem no trilho, um túnel. Algumas modificações. Se pensar no natural pode ver uma linha de praia.	A primeira passa a ideia de agitação velocidade e a segunda de calma, o ritmo mais lento. Tem oposição, contrapondo um ao outro. A ideia de tempo diferente, a partir de Milton Santos tempo lento, de opacos e luminosos.	Trabalharia espaço urbano e rural, processo de formação urbano (dialético, agitação, fluxo) e a calma do outro lado. Conceito de fluxo. Primeira e segunda natureza, numa compreensão para tentar provocar o limite entre elas, a percepção. Trabalhar problema ambiental e encontro de duas áreas diferentes, as dinâmicas dos aspectos de geomorfologia.

Fonte: Construído pela autora, 2019.

Quadro 2 – Síntese da Leitura Geo-Imagética do segundo conjunto de imagens

Prof.	Leitura Geo-Imagética		
	Descrição e análise:	Comparação e interpretação:	Utilização na geografia escolar:
P-1	A: construções de edifícios (faz parte da área urbana). B: áreas montanhosas ou de planalto, com neve, árvores, plantação, área agrícola.	Interação do homem/construção no meio natural em espaços inóspitos, alteração destas áreas para o desenvolvimento humano. Conjunto dos elementos naturais e culturais. Alteração humana. Que o homem se adapta, altera lugares até então não habitáveis, ele usa a natureza como meio de desenvolvimento.	Aula sobre espaço geográfico e paisagens. Usaria para chamar a atenção ao olhar crítico. O que pode representar aos olhos de cada um? Interação homem – natureza: o que significa? Qual o papel de ambas?
P-2	A: Paisagem urbanizada, uma cidade provavelmente litorânea, tem prédio. Trapiche, escada que desce até a água (oceano, mar ou lago). B: montanha, geleira. Paisagem de lugar de clima temperado ou polar do hemisfério norte. Provavelmente uma paisagem Europeia.	As duas gravuras se complementam. Tem elementos naturais (água, a montanha, a geleira) e elementos de transformação, que é uma urbanização bem intensa.	Poderia utilizar em três conteúdos: 1. Na epistemologia da geografia, dos conceitos. 2. Sobre urbanização: se a paisagem é urbanizada, se há uma cidade, construção do ser humano. 3. Sobre impactos ambientais, porque uma urbanização em uma área natural causa impactos ambientais grandes.
P-3	A: vegetação, mata ciliar, rio cortando o relevo, curso hídrico com pouca vegetação, lago. Foi modificado pelo ser humano, não é a sua composição natural. Ondulações do relevo e	Se relaciona com a transformação. Tem áreas pouco transformadas e áreas já desmatadas, já modificadas.	Utilizaria sobre uso e ocupação do solo, deste espaço, e a relação do ser humano com a natureza. Relação do homem com a natureza, relacionar com isso a agricultura, preservação e desmatamento. Não apenas em

	algumas culturas com interferência do homem. B: Área de vegetação e culturas. Estrada, construções, ação humana, curso hídrico sem mata ciliar. Residências e campo de futebol, desmatado.		um conteúdo, mas em vários. Na geografia física, humana, urbana. Um vasto leque de possibilidades de explorar com os alunos.
P-4	A: Espaço natural. O posicionamento alinhado das árvores, plantadas. B: Espaço que foi modificado, feito cultivo. Tem cultivos e pequenos capões, e o surgimento da cidade. Inicia a transformação, a ocupação humana. Não é todo usado para cultivo. Dá a ideia de diferentes formações de solo, das diferentes formações da crosta terrestre.	Há uma sequência, de uma transformação do espaço natural, com elementos naturais totalmente... e vai sendo transformado em espaço geográfico com a interação humana.	Poderia trabalhar sobre a transformação do espaço, tinha um espaço natural, foi transformado a partir das culturas e novos elementos. Sobre agropecuária, transformação do espaço rural e do mundo urbano e suas primeiras ocupações. Não só em uma aula, em um capítulo de trabalho. Trabalhar conceitos fundamentais: território, lugar, espaço geográfico.
P-5	A: vegetação ao fundo, um lago, um curso d'água. Vegetação rasteira ou uma mata mais densa, caules B: Lembra cultivos agrícolas, um povoado, capões de mato entre as plantações, elevações e depressões no terreno.	Há uma transformação no espaço geográfico.	Trabalharia em aula sobre paisagem, como vê a paisagem, como vai transformando os elementos. Elementos naturais de uma paisagem não natural e a paisagem natural. Os campos de cultivo que tem elementos naturais em uma paisagem não natural.
P-6	A: aspectos naturais. Elementos naturais: vegetação, curso d'água. B: alguns aspectos naturais, porém mais modificados. Vegetação, plantações no espaço usado na agricultura. O espaço com construções, uma cidade; um espaço mais modificado.	As duas apresentam aspectos humanizados, mais na segunda que apresenta uma parte do espaço em que há construções.	Utilizaria para trabalhar a relação campo-cidade, espaço urbano e espaço rural, características de cada um deles, as características mais modificadas, outras mais preservadas.
P-7	A: uma cerca/propriedade privada. Área de plantio, muitas cores e próximo a cerca uma pastagem e mais acima uma lagoa ou lago. Tem vegetação. B: Um rio, vila mais ao fundo, povoado, áreas com poucas árvores. Área de monocultura. Pode ser soja, trigo. Avanço da monocultura e desmatamento. Tem árvores, um capão de mato.	As duas imagens lembram espaço rural. Mostra diferentes cores com diferentes culturas. Um espaço transformado na maioria dos elementos.	Utilizaria nos conteúdos de geografia agrária, de biomas, os agravantes da ocupação do cerrado, os problemas do agronegócio como um todo. "Nunca trabalhei com imagens assim. Acho que seria bem interessante para a construção do pensamento geográfico".
P-8	A: lago, vegetação, que tem algumas áreas de preservação e o solo, as plantações. B: casas, terra, solo, árvores, o céu ao longo do horizonte. Plantações, áreas verdes, outras amarelas de plantações. Rio, aglomerado de casas, não	Ideia de espaço urbano, mudança da paisagem, a interferência do ser humano no espaço que tem aspectos naturais, mas que tem interferência da ação antrópica. As casas, produção, plantações.	Trabalhar o conceito de paisagem, a mudança das paisagens ao longo do tempo e talvez sobre espaço urbano e rural. Poderia se trabalhar espaço rural e urbano, embora pareça uma pequena vila, aglomerado de casas. Interferências na

	um espaço urbano, parece uma vila.		paisagem e encaixar ao longo dos conteúdos.
P-9	A: um campo com alguns arbustos, com cores pouco naturais, referência ao interior da Terra. Um vilarejo ou uma cidade pequenininha, um rio com poucos elementos da natureza. O rio laranja (sonho ou catástrofe). B: Árvores de copas coloridas, ideia de campo, de plantação, com linhas retilíneas embaixo. Parece umas ondinhas amarelas e verde, são cores pouco presentes numa paisagem natural.	Transformação no espaço geográfico, de problemas ambientais, catástrofes, que mudam a natureza “natural”. Ao mesmo tempo pensar que mesmo que tudo esteja transformado nós precisamos da natureza, boa parte do que precisamos é retirado da natureza, já hiper modificada. Um espaço de beleza na imagem. A transformação do espaço pode não ser algo que fira esteticamente, ela pode ser bonita.	Trabalhar a transformação no espaço geográfico dado pelas tecnologias, pelas técnicas, os países altamente tecnificados. Industrialização. Sociedades que tem um espaço quase totalmente construído pelo ser humano. A produção de alimentos. A geografia urbana, aglomerado urbano, moradias nas cidades. A geografia física, sobre o interior da Terra. Poderia trabalhar espaços de lazer. O lago lilás se está contaminado é um espaço proibido. O céu lilás sem sol, talvez seja uma transformação. Como será se o sol não conseguir penetrar nas camadas da Terra?
P-10	A: campo, vila, cidade, algumas mudanças. Tem umas tonalidades, muito mais frias, transpassando por agitação passando por tranquilidade de estar anoitecendo, nos tons escuros. B: Tem plantações, áreas verdes. Monocultura de árvores, silvicultura ao redor do lago. Mais abaixo há troncos ou plantação (forrageira baixa).	Conteúdo mais evidente é espaço geográfico, e todas as questões relacionadas a isso. Início de organização, ritmos, tempos dessa transição e problemas ambientais. Sobre estudos latino-americanos a partir de quando eu vou trabalhar cidades, a própria interpretação do que é ou não originário.	Crítica mais contundente ao agrário, ao monocultivo. Esse rural é necessariamente a tranquilidade? num sentido filosófico, a busca de um ideal? As apropriações e transformações do espaço estão evidentes nas formações de paisagem. O conceito de paisagem além daquilo que a vista abarca, de modo tradicional. Na definição de transformação do espaço trabalharia relações, movimento/agitação.

Fonte: Construído pela autora, 2019.

Os dados foram analisados e compõem, a seguir, um conjunto de interpretações sob o viés geográfico, no intuito de compreender os processos envolvidos nas respostas dos professores participantes.

CONHECIMENTOS, RACIOCÍNIOS E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO QUE EMERGEM DAS INTERPRETAÇÕES

Os modos de analisar as imagens pelos professores possibilitaram perceber aproximações em diversos aspectos. Alguns trazem peculiaridades e especificidades, e possibilitam pensar os aportes do conhecimento mobilizados na maneira de pensar destes professores e que contribuem para identificar diferentes elementos e produzir as categorias.

A categorização das entrevistas permite interpretar as informações e identificar os elementos mais significativos a partir dos dados dos dois conjuntos de imagens (conjuntos 1 e 2), compondo interpretações para cada tema analisado.

As categorias e subcategorias construídas são: 1. A linguagem geográfica (elementos, expressões e termos da geografia nos conjuntos 1 e 2 de imagens); 2. O método da geografia

(nos conjuntos 1 e 2); c) Elementos específicos da geografia (conteúdos e temas; teoria e método; conceitos, categorias e princípios). Essas categorias são interpretadas a seguir.

Linguagem geográfica

A linguagem geográfica compreende expressões, termos, conceitos, categorias e princípios da geografia. Neste primeiro item, mantiveram-se apenas as expressões e os termos. Os conceitos, categorias e princípios são mencionados no item c. Estes aspectos, portanto, foram analisados separadamente, possibilitando maior aprofundamento.

Emergem da leitura de imagens alguns termos e expressões próprios da geografia. Duas situações, entretanto, são evidenciadas. De um lado, há a descrição de elementos de forma solta, sem estabelecer conexões, como: vegetações, solo, rio, lago... Dessa forma, não explicita de modo articulado um pensamento que vá além da descrição de elementos e que possibilite ampliar a estrutura que remeta mais diretamente à linguagem geográfica; de outro, surgem elementos que são estudados pela geografia e que, de maneira geral, aparecem de modo mais articulado em meio às frases, ou se aproximam da linguagem geográfica.

Elementos

(Conjunto 1): rocha exposta, povoado, acidentes geográficos, paisagem, falésia, vegetação, solo, relevo.

(Conjunto 2): curso hídrico, curso d'água, vegetação rasteira, mata densa, elevações, depressões.

Há, ainda, expressões e termos mais articulados em um pensamento que expressa uma linguagem geográfica. São eles:

Expressões

(Conjunto 1): transformação do meio, transformação da natureza, área agrícola modificada, transformação das paisagens, interferência do homem, processo erosivo, desgaste do solo, ocupação do espaço, ambiente urbano, ambiente rural, espaço rural, espaço urbano, área urbana, áreas ambientais de preservação, interação humana no espaço, interação dos seres humanos com o meio, interação ambiente-sociedade, impactar o ambiente, ação antrópica, transformação da paisagem.

(Conjunto 2): paisagem urbanizada, espaço que foi modificado, ocupação humana, diferentes formações de solo, distintas formações da crosta terrestre, transformação do espaço geográfico, aglomerado de casas, interferência do ser humano no espaço, espaço transformado.

Termos da Geografia

(Conjunto 1): paisagem natural, paisagem artificial, geografia humana, geografia urbana, geografia física, espaço geográfico, interação homem-meio, interação homem-natureza.

(Conjunto 2): paisagem natural, aspectos naturais, espaço natural, meio natural, paisagem urbanizada, elementos naturais e culturais, espaço geográfico.

Os dados obtidos a partir das entrevistas permite-nos afirmar que existe, de maneira geral, uma linguagem geográfica presente no modo como os professores descrevem, analisam e interpretam os conjuntos de imagens, embora alguns deles façam um maior aprofundamento destas interpretações, enquanto outros realizam um processo mais superficial. Alguns destes

termos apresentam características da geografia crítica e, também, próprios da geografia tradicional, como a expressão homem-meio.

MÉTODO GEOGRÁFICO

Compreende a escalaridade (escala de análise geográfica), as relações espaço-tempo (espacialidade e temporalidade) e a linguagem cartográfica.

No Conjunto 1 emergem, mais nitidamente, a espacialidade e a temporalidade. P-7 menciona a ideia de que “existem diferentes tempos em uma mesma paisagem” e observa o contraste entre o espaço urbanizado e um menos urbanizado, o que, de certo modo, se aproxima com P-8, que considera a necessidade do estudo das paisagens ao longo do tempo. P-9 menciona uma ruptura sociedade-natureza, duas partes sem relação, ou que tinham relação, mas aparecem de forma separada, e menciona a natureza “natural” e “tecnificada”. Nessa análise traz a ideia de velocidade, que lembra a dinâmica urbana. Isso também aparece em P-10, que vê o “choque do urbano com algo mais natural”, em detalhes que lembram agitação, velocidade, tempos diferentes na paisagem, o que remete P-7 a recordar a ideia de tempo analisada por Milton Santos (2004). A dinâmica dos espaços geomorfológicos aparece, ainda, como um dos estudos que P-10 faria a partir das imagens analisadas.

No Conjunto 2 novamente tem destaque a espacialidade e a temporalidade. Emerge de modo mais explícito a ideia de espaço geográfico com ritmos, tempos, transições. P-1 menciona as alterações nas áreas observadas, P-2 os elementos de transformação, que também são mencionados por P-3, P-4, P-5, P-7 e P-9, que se referem à sequência desse processo. P-8, na mesma lógica, reporta-se ao espaço transformado e à mudança na paisagem pela interferência humana, e aparece, de modo mais claro em P-10, a ideia de transformação e de organização do espaço a partir de diferentes ritmos e tempos em que ocorre uma transição.

Mesmo apresentando uma perspectiva de pensamento que estabelece inter-relações que consideram o olhar crítico dos entrevistados, não são mencionadas relações de escalaridade e uma linguagem cartográfica. Não aparecem comparações mais abrangentes que estabeleçam referenciais tanto entre as imagens de cada conjunto quanto em relação a outros espaços que poderiam vir à tona nessa interpretação.

Determinadas expressões utilizadas pelos professores entrevistados aproximam-se da definição de um recorte de análise, embora não façam referência diretamente à linguagem cartográfica que compõe um aspecto significativo para a geografia. As expressões empregadas foram: área mais natural, a cidade representa o espaço urbano, interação humana nesse espaço, as construções vão chegando nessas áreas ambientais de preservação, ocupação desse espaço por meio da atividade agrícola, área natural, área iniciando transformação, áreas rurais, área agrícola modificada pelo ser humano.

A estrutura do método de análise que embasa e direciona as interpretações dos professores também não é explicitada. O método geográfico que serve à geografia na academia, seja ele dialético, fenomenológico, hipotético-dedutivo, etc., também é um componente estruturante que ajuda na composição do olhar geográfico do professor, que torna possível o modo de conduzir e defender um pensamento e organizar um raciocínio que possa amparar as análises. Permite, também, mobilizar mentalmente elementos de cunho interpretativo e argumentativo. Não aparecem, portanto, todos os aspectos que envolvem a estrutura da análise geográfica, que pode ser desenvolvida a partir do pensamento geográfico do professor.

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DA GEOGRAFIA

Sobre a possibilidade de desenvolver aulas a partir das imagens analisadas, várias constatações e interpretações são possíveis:

Conteúdos e temas

A abordagem dos conteúdos e temas que poderiam abarcar as imagens surge de modo amplo. Os entrevistados mencionam assuntos possíveis de serem estudados com base nas imagens, porém sem definir se faz referência a um tema de modo abrangente ou a um conteúdo curricular específico. Foram mencionados como temas/conteúdos: urbanização, espaço urbano e rural, impactos no meio ambiente, edificações, questão urbana, relações ser humano-natureza a partir da categoria espaço geográfico e da categoria paisagem, ação antrópica na modificação da natureza, vida urbana, fluxos, consumismo, valores da vida humana, primeira e segunda natureza, problemas ambientais, dinâmicas geomorfológicas. Aparece, ainda, a paisagem como conteúdo, como conceito e categoria a serem utilizados nos conteúdos (P-7, P-8). A epistemologia da geografia emerge como conteúdo e como uma estrutura que permeia todos os tópicos do ano letivo (P-2).

201

Teoria e método

Considera questões que envolvem uma perspectiva relacional, que parte do ensino do que seja a epistemologia da geografia, o que é geografia, para que ela serve, o que essa ciência trabalha, a “relação ser humano-natureza”, uma retrospectiva do que seja a geografia, as categorias e os conceitos. Nas entrevistas, no entanto, não há aprofundamento sobre as estruturas que perpassam esse processo: teoria e método embasam essa escolha, elementos importantes para estruturar uma atividade que tenha como intuito promover a Educação Geográfica. Apenas emerge, em determinado momento, a ideia de utilizar um “óculos geográfico” (P-3) no intuito de realizar interpretações; mas isso não fica claro se faz referência ao processo de observação das imagens, especificamente, ou no sentido de tomar como base uma determinada forma de abordagem que a Geografia possibilita.

Conceitos, categorias e princípios

Há, na maioria das falas, a inserção do conceito de paisagem e espaço geográfico como categorias principais. Não há uma diferenciação explícita entre categoria e conceito. Optou-se por não questionar isso durante as entrevistas. Alguns professores trazem o espaço geográfico para realizar análises, o que ocorre também com a paisagem, mencionada como categoria principal junto ao lugar. Para P-2, estas são duas categorias que podem ser confundidas, e explica diferenças e aproximações entre elas que precisam estar claras no pensamento do professor. Aparecem também como conceitos a serem trabalhados, o espaço (espaço geográfico, espaço natural, espaço artificial, paisagem construída), paisagem, lugar, território, região, rede e fronteiras. Fluxo e natureza também são mencionados, além de Estado e nação. Os conceitos são citados como elementos que podem ser estudados nas imagens, mas não fica claro se estes atuam como temas em estudo ou como conceitos estruturantes em análises do professor. O conceito de paisagem é mencionado sob o entendimento de recorte espacial que a vista abarca e pela dimensão subjetiva.

Os princípios geográficos que servem às análises pouco são mencionados. Aparece, de modo geral, a necessidade de “fazer comparações” (P-3) e estabelecer “relações entre áreas

diferentes” (P-10). Nessa direção, há certas lacunas, pois, apesar de determinados aspectos sobressaírem nas falas, não são definidos elementos básicos como os princípios essenciais às análises e interpretações geográficas.

RACIOCÍNIO, PENSAMENTO E A ANÁLISE GEOGRÁFICA

Os professores participantes, mesmo não respondendo diretamente a uma questão sobre o que é, ou como pode ser definido o pensamento geográfico, trazem elementos importantes para definirmos alguns aspectos tomados como basilares à ciência geográfica e ao seu ensino, são eles: a linguagem e o método.

A **linguagem** contempla as palavras, os termos e as expressões que são específicos da ciência geográfica e a definem. Contempla, também, os conceitos básicos: espaço, paisagem, lugar, território, região. Envolve, ainda, os princípios geográficos e as categorias de análise na relação dinâmica que possibilita reflexões e interpretações. Esse conjunto de elementos, nas diferentes perspectivas epistemológicas, constituem os aportes à leitura do espaço geográfico.

O **método** abarca a estrutura que sustenta o desenvolvimento do conhecimento teórico e metodológico da ciência geográfica, utilizada em análises e interpretações sob um determinado modo de olhar. Santos (1996) considera que, pelo método, é possível a construção de um sistema intelectual para abordar determinada realidade a partir de um ponto de vista, que seria a análise espacial. Essa análise constitui uma forma de fragmentação do todo que possibilite, ao seu término, sua reconstituição.

O espaço, para este autor (1988), compreendido como totalidade, pelo método de análise, pode ser dividido em partes. A organização do espaço em partes é operada segundo uma variedade de critérios. Essa estrutura envolve também a escala de análise, que permite a análise geográfica com enfoque dinâmico e relacional, considerando, para isso, o uso da linguagem cartográfica a fim de visualizar e consolidar essas relações sob um aporte espacial, tornando possível analisar, interpretar e compreender os fenômenos geográficos.

Tais elementos, ao serem mobilizados por meio de um processo de raciocínio, contribuem para que seja possível, nas análises geográficas que fazemos ou que provocamos, construir conhecimentos, ampliar e complexificar o próprio pensamento e tecer relações entre aspectos teóricos e a realidade em estudo, representada por fenômenos, situações geográficas ou, ainda, representadas em imagens, como na proposta apresentada anteriormente.

Para Curto (2011) o raciocínio espacial considera o espaço e as operações que podem ser executadas em sua estrutura. Já o raciocínio geográfico é uma habilidade específica construída, principalmente, com base no pensamento geográfico, contemplando, além da dimensão de raciocínio espacial, a possibilidade de tecer relações e interpretações baseadas em distintas teorias/métodos/estruturas do pensamento geográfico construído. Cavalcanti (2008) compreende o raciocínio geográfico pelo desenvolvimento dos modos do pensamento geográfico e pela internalização de métodos e de procedimentos para captar a realidade, tendo consciência de sua espacialidade.

Nesse sentido, considera-se que os elementos que constituem o pensamento geográfico são essenciais ao desenvolvimento de processos de raciocínio e contribuem para a construção de novos conhecimentos por meio das análises geográficas. Conforme Callai (2013, p. 58), a análise geográfica “exige o suporte teórico que tem em si um conjunto de conceitos, e, para trabalhar com estes exige-se a clareza do seu significado e do que possam representar no contexto dos conteúdos tratados”. Compreende-se, então, que:

A análise geográfica é parte essencial na construção da Educação Geográfica e também pode resultar desse processo, uma vez que, no ensino e aprendizagem, ao alcançar a Educação Geográfica, pode-se realizar, no cotidiano, mesmo que de modo simplificado, análises geográficas. Para fazer essas análises é essencial um

suporte teórico aliado à conceituação, à significação e ao contexto, elementos que se articulam para uma educação que possibilite interpretar e compreender as relações sociedade-natureza a partir das ferramentas que a Geografia dispõe. Essas ferramentas resultam da estrutura do pensamento geográfico e compõem as dimensões acadêmica e escolar, os livros didáticos e os professores. (COPATTI, 2019, p. 79-80).

Portanto, compreende-se que a leitura de imagens constitui-se como possibilidade para ampliar os processos de raciocínio, uma vez que, pela análise geográfica, podem mobilizar e complexificar o pensamento, seja dos professores que atuam na educação geográfica, seja na formação de professores nesse campo do conhecimento ou, também, nas propostas construídas para o ensino escolar de geografia. Isso se faz visando contribuir para uma formação crítica, consciente e cidadã, com base nos conhecimentos geográficos e em uma proposta de método de leitura de imagens (neste caso a Leitura Geo-Imagética) como caminho possível a um conhecimento mais amplo, complexo e significativo aos sujeitos em formação.

CONCLUSÕES

A Leitura Geo-Imagética (2019), constitui-se como uma proposta que torna possível construir conhecimentos por meio da análise e do desenvolvimento do raciocínio geográfico a partir dos aportes do pensamento geográfico. Sendo assim, propor um método de leitura de imagens específico para a geografia visa contribuir para a construção do pensamento geográfico do professor, para analisar os processos de pensamento e, ainda, contribuir ao desenvolvimento do raciocínio geográfico em sala de aula, no ensino escolar de geografia ou também na formação de novos professores.

O Método de Leitura Geo-Imagética (MLGI) contribui para que sejam mobilizados processos de pensamento a partir do raciocínio e das análises possíveis nas quatro etapas de interpretação proposta. A leitura de imagens com base em obras de arte de artistas distintos, trouxe a possibilidade de compreender modos de raciocínio e de pensamento e, ainda, aspectos das subjetividades dos professores participantes, servindo como aporte para a investigação realizada.

Entende-se que o emergir do pensamento geográfico dos professores e de processos de raciocínio geográfico foram possíveis, os quais foram apresentados nas análises possíveis a partir do contato com as imagens. Sob essa perspectiva, entende-se que ocorre um movimento de interpretação que deixa o profissional mais aberto a imaginar, sem interferências do pesquisador. Portanto, utilizar o método de Leitura Geo-imagética contribui para realizar diferentes análises e interpretações que tornam possível ampliar a compreensão a respeito dos raciocínios geográficos no processo de análise geográfica realizada pelos participantes, identificando, assim, a estrutura de pensamento geográfico envolvida.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, G. C.; OLIVEIRA, A. A. Sobre métodos de leitura de imagem no ensino da arte contemporânea. **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 70-76, 2013.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CALLAI, H. C. **A formação do profissional da Geografia: o professor**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2013.

CURTO, J. P. M. L. **Os websig no ensino da geografia no 3º ciclo: estudo de caso.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia). Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, 2011.

CAVALHEIRO, I. G. **Leitura de Imagens: Propostas e métodos.** Monografia. Pós-graduação. Universidade do Extremo-Sul Catarinense - UNESC, Criciúma, 2006.

COPATTI, C. **Pensamento pedagógico geográfico e autonomia docente na relação com o livro didático: percursos para a educação geográfica.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí, 2019, 274 p.

FELDMAN, E. B. **Becoming human through art.** New Jersey: Prentice-Hall, 1970.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e Filosofia.** São Paulo, Cultrix, 1987.

PILLAR, A. D. A leitura de imagem. In: PILLAR, Analice Dutra *et al.* **Pesquisa em artes plásticas.** Porto Alegre: Ed. Universidade; UFRGS; Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap), 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento-sonoro, visual e verbal.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

SILVEIRA, J. R. C. da. A imagem: interpretação e comunicação. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 113-128, 2005.

TOUTAIN, L. M. **Para entender a CI.** Salvador: UFBA, 2007.